





adam zagajewski
sombras de sombras

SELECÇÃO E TRADUÇÃO DE
MARCO BRUNO

REVISÃO DE
JORGE SOUSA BRAGA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

BOOK INSTITUTE



© POLAND

Este livro beneficiou de um apoio à publicação concedido
pelo Programa de Tradução ©POLAND.

Agradecemos o apoio da Embaixada da Polónia em Portugal.

© 2017, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Os poemas desta antologia foram seleccionados a partir dos livros
List; Oda do wielości (1982), *Jechać do Lwowa* (1985), *Plótno* (1990),
Ziemia Ognista (1994), *Pragnienie* (1999), *Anteny* (2005) e *Niewidzialna Ręka* (2009).

Publicado por acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova Iorque.

Título: *Sombras de Sombras*
Autor: Adam Zagajewski
Seleção e tradução: Marco Bruno
Revisão: Jorge Sousa Braga
Prefácio: Adam Kirsch
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2017

ISBN 978-989-671-406-2
DEPÓSITO LEGAL N.º: 433 485/17

ADAM ZAGAJEWSKI

POR ADAM KIRSCH*

Pode um poeta moderno escrever poesia mística convincente? A obra de Adam Zagajewski, o poeta polaco mais importante da sua geração, começa a responder a esta pergunta. Zagajewski nasceu em Lviv, no Leste da Polónia, em 1945. Nesse ano, a sua família foi transferida para a cidade de Gliwice, a oeste, devido à redefinição das fronteiras da Polónia depois da guerra. Já estudante, Zagajewski mudou-se para Cracóvia e, depois de várias desavenças com as autoridades, emigrou para Paris em 1982. Hoje divide o tempo entre a Polónia, a França e os Estados Unidos, onde é um dos poucos poetas de língua estrangeira regularmente traduzidos para inglês.

Zagajewski emergiu como poeta e polemista destacado em 1974, com a publicação de *Świat nie przedstawiony* [*O Mundo sem Representação*], um manifesto crítico que, de acordo com o escritor polaco Stanisław Barańczak, «instigou uma das maiores controvérsias na cultura polaca do pós-guerra, por atacar a literatura descomprometida das décadas anteriores». O próprio Zagajewski recordou com pesar alguns anos depois: «Ocupi o meu lugar entre os Catões deste mundo durante algum tempo, entre aqueles que sabem o que a literatura deve

* Ensaio de Adam Kirsch, crítico e poeta norte-americano, publicado na revista *The New Republic* e recolhido no volume *The Modern Element — Essays on Contemporary Poetry* (Nova Iorque, W. W. Norton & Company, 2008). Aqui reproduzido com a amável autorização do autor. Tradução de Alda Rodrigues.

ser e exigem implacavelmente esses padrões aos outros.» O seu primeiro livro em inglês, *Tremor* [*Tremor*], só saiu em 1985, muito depois do início do período parisiense. Contudo, a fase inicial da carreira de Zagajewski é crucial para a compreensão do seu desenvolvimento posterior, que tem sido uma fuga deliberada à poesia politicamente comprometida. Com efeito, a antítese entre política e poesia, entre o colectivo e o privado, é o assunto principal da obra de maturidade deste poeta.

A fuga de Zagajewski à História foi ela própria um produto da História. Depois da ascensão do movimento Solidariedade, em 1980, o poeta percebeu que o comunismo na Polónia batia em retirada. Não fora derrotado, claro — o Solidariedade foi empurrado para a clandestinidade quando se declarou a lei marcial em 1981 — mas o seu declínio já se iniciara; dez anos depois, estaria morto. E os poemas e ensaios que Zagajewski escreveu em 1980 anseiam muito conscientemente por uma vida depois do totalitarismo, em que o antitotalitarismo já não será suficiente como visão do mundo. Zagajewski prepara-se a si próprio e aos seus leitores para um mundo além das antigas definições de bem e de mal, onde uma existência mental verdadeiramente privada, livre das contingências da luta contra o comunismo e não dinamizada por esta, terá de encontrar outras fontes de sentido.

Estas preocupações são anunciadas no título *Solidarność i samotność* [*Solidariedade, Solidão*], a extraordinária colectânea de ensaios que Zagajewski publicou em 1990. Como ele escreve no prefácio, «a palavra ‘Solidariedade’ na sobrecapa deste livro refere-se sobretudo ao Solidariedade,

um movimento político e social dinâmico e robusto na Polónia [...]. Solidão refere-se a literatura, arte, meditação, imobilidade». Zagajewski não é a favor da solidão e contra a Solidariedade e a solidariedade; a preocupação com a justiça pública é um princípio para os homens de boa vontade. Mas tão-pouco é a favor da solidariedade à custa da solidão, que dá acesso a outro reino, o mundo da arte, da beleza e da experiência mística. Contra o «penetrante sentido de comunidade» tão intensamente cultivado por «esse país quase-mítico que é a Polónia», Zagajewski defende, no ensaio «Duas Cidades», que «nem tudo pertence a toda a gente. Não só somos diferentes como também temos experiências que os grupos sociais nunca conhecerão».

O dilema da solidariedade e da solidão é pouco conhecido na América, sendo difícil ao leitor americano apreendê-lo plenamente. Aqui, a poesia é uma actividade tão menor e secundarizada, que os seus praticantes raramente sequer consideram a possibilidade de a sua arte ter deveres relativamente a uma causa maior. Para alguns críticos — George Steiner, mais energicamente —, trata-se de uma complacência que diminui a arte americana. De acordo com este ponto de vista, a crise moral da Europa de Leste sob o comunismo transmitiu à poesia uma urgência e uma importância que ela nunca poderá ter nos Estados Unidos, onde em grande parte é um *hobby* circunscrito a *workshops* de escrita.

A obra de Zagajewski é importante pela sua rejeição desta crença. Recorda-nos os aleijões de uma arte sob demasiada pressão pública. Enquanto poeta que encara

a poesia como vocação num sentido romântico mais antigo, Zagajewski sabe que há uma zona de privacidade e irresponsabilidade que é necessária para se escrever poesia realmente conseguida. Aliás, troça da perspectiva de Steiner num texto breve em prosa intitulado «Europa Central»:

Era um homem banal e pequenino, com cabelo escuro e oleoso, achatado sobre a cabeça, que, sem esperar por licença, se juntou à minha mesa. Era óbvio que estava mortinho por falar. Teria trocado metade da vida por um momento de conversa.

— De onde é? — perguntou ele.

— Da Polónia — respondi.

— Ah, que sorte, que sorte que tem! — exclamou, dominado por genuíno entusiasmo mediterrânico. — Luto! Viva o luto!... É um homem de sorte.

— Porquê?

— Força. Força da convicção. Sentimentos categóricos. Integridade moral. Uma literatura que não está alienada da pólis. Não conheceu aquela divisão assustadora... Sempre senti em si o desejo de unidade, o sonho grego de combinar emoção e coragem...

Este europeu usa a Polónia como gerações de europeus modernos usaram a Grécia, o Renascimento ou a Idade Média: enquanto ideal imaginado, instrumento para viver por interposta pessoa, nome para um estado de integridade espiritual. Valoriza, pela sua solidariedade, o país «de luto»; chega a invejá-lo.

SOMBRAS DE SOMBRAS

NIE POZWÓL ROZPŁYNAĆ SIĘ SKUPIENIU

Nie pozwól rozplynać się skupieniu
Niech nieruchomo trwa błyszcząca chwila
choć kończy się kartka i migoce płomień
Jeszcze nie dostajemy do siebie
powoli jak ząb mądrości rośnie wiedza
Jeszcze wysoko na białych drzwiach
zakarbowany wzrost człowieka
Z daleka słysząc trąbki wesoły głos
i zwiniętą jak śpiący kot piosenkę
To co mija nie w próżnię się obraca
Wciąż nowy węgiel rzuca w ogień palacz
Nie pozwól rozplynać się skupieniu
W suchym twardym materiale
prawdę masz utrwalić

NÃO DEIXES QUE O LÚCIDO
MOMENTO SE DISSOLVA

Não deixes que o lúcido momento se dissolva
Que o radiante pensamento perdure na quietude
embora a página esteja quase cheia e a chama trémula
Não atingimos ainda o nível de nós próprios
O conhecimento cresce lentamente como um dente do siso
A estatura de um homem tem ainda uma incisura
lá no alto numa porta branca
De longe chega a voz alegre de um trompete
e uma canção enrolada como um gato
O que passa não cai no vazio
Um fogueiro alimenta com carvão o fogo
Não deixes que o lúcido momento se dissolva
numa substância dura e seca
Tens a obrigação de gravar a verdade

W CUDZYM PIĘKNIE

Tylko w cudzym pięknie
jest pocieszenie, w cudzej
muzyce i w obcych wierszach.
Tylko u innych jest zbawienie,
choćby samotność smakowała jak
opium. Nie są piekłem inni,
jeśli ujrzeć ich rano, kiedy
czyste mają czoło, umyte przez sny.
Dlatego długo myślę jakiego
użyć słowa, on czy ty. Każde on
jest zdradą jakiegoś ty, lecz
za to w cudzym wierszu wiernie
czeka chłodna rozmowa.

NA BELEZA CRIADA PELOS OUTROS

Só na beleza criada pelos outros
existe consolação, na música
e nos poemas dos outros
Só os outros nos podem salvar,
mesmo que a solidão tenha o sabor
do ópio. Não são o inferno, os outros,
se os espreitarmos de manhã, quando
têm a testa limpa, lavada pelos sonhos.
Por isso cismo muito sobre a palavra
que hei-de usar, «ele» ou «tu». Cada «ele»
é uma traição a qualquer «tu», mas,
em troca, um poema de alguém fielmente
oferece uma fresca, moderada conversa.

ODA DO WIELOŚCI

Nie rozumiem wszystkiego i nawet
cieszę się, że świat jak niespokojny
ocean przerasta moją zdolność
pojmowania sensu wody, deszczu,
kąpeli w Stawie Piekarza, w pobliżu
granicy niemiecko-czeskiej, we
wrześniu 1980; szczególnie bez większego
znaczenia, głęboki germański staw.
Niech niedotlenione Ego spokojnie
oddycha, pływak przecina linię
południka, jest wieczór, sowy budzą
się z dziennego snu, w oddali
leniwie warczą samochody. Kto raz
dotknął filozofii, jest zgubiony,
nie uratuje go wiersz, zawsze
pozostanie nie dająca się obliczyć
reszta, żal. Kto raz poznał szalony
bieg poezji, nie zazna więcej
kamiennego spokoju rodzinnej prozy,
gdzie każdy rozdział jest gniazdem
jednej generacji. Kto raz żył, nie
zapomni zmiennej przyjemności pór
roku, nawet łopiany będą mu się
śniły i pokrzywy, pająki niewiele
brzydsze od jaskółek. Kto raz zetknął
się z ironią, będzie parskał śmiechem

ODE À MULTIPLICIDADE

Não compreendo tudo e até
me alegro por o mundo — como um irrequieto
oceano — superar a minha capacidade
de entendimento do sentido da água, da chuva,
dum mergulho no Lago do Padeiro, perto
da fronteira entre a Alemanha e a Chéquia, em
Setembro de 1980; um pormenor, sem grande
importância, um profundo lago germânico.
Deixem o não-oxigenado Ego serenamente
respirar, deixem o nadador cortar a linha
do meridiano, é de noite, os mochos acordam
do sono diurno, ao longe
preguiçosamente rodam os carros. Quem alguma vez
tocou a filosofia, está perdido,
não o salvará o poema, há-de
ficar sempre um resto, um arrependimento, uma saudade
impossível de quantificar. Quem alguma vez adquiriu a noção da desvairada
corrida da poesia não vai conhecer nunca mais
o pedregoso sossego da prosa familiar,
em que cada capítulo é o ninho
duma geração. Quem alguma vez viveu não
se vai esquecer do mutável prazer das estações
do ano, até com as bardanas e as urtigas
há-de sonhar, e com as aranhas não muito
mais feias do que as andorinhas. Quem alguma vez deparou
com a ironia vai-se rir às gargalhadas

podczas wykładu proroka, kto raz
modlił się nie tylko suchymi wargami,
zapamięta obecność dziwnego echa
idącego od którejś ze ścian. Kto raz
milczał, nie będzie chciał mówić
przy deserze, kogo poraził szok
miłości, ten wróci do książek ze
zmienioną twarzą.
Stoisz, pojedyncza duszo, wobec
nadmiaru. Dwoje oczu, dwie ręce,
dziesięć pomysłowych palców i
tylko jedno Ego, ćwiartka pomarańczy,
najmłodsza z sióstr. Przyjemność
słyszenia nie psuje przyjemności
wzroku, lecz rausz wolności burzy
spokój pozostałych łagodnych zmysłów.
Spokój, grube nic, pełne słodkiego
soku jak gruszka we wrześniu.
Krótkie chwile szczęścia znikają
pod lawiną tlenu, w zimie samotny
gawron uderza dziobem o biały
lód jeziora, kiedy indziej
para dzięciołów spłoszona
przez siekierę szuka pod moim
oknem dostatecznie chorej topoli.
Nieobecna kobieta pisze długie
listy i tęsknota pęcznieje jak
opium; w muzeum egipskim na brązowym
papierusie roztarta ta sama
tęsknota, starsza o kilka tysięcy

durante a conferência do profeta. Quem alguma vez
rezou com mais do que uma boca seca
há-de lembrar-se para sempre da presença dum estranho eco
proveniente de uma das paredes. Quem alguma vez
ficou calado, não vai querer falar
no momento da sobremesa, quem ficou paralisado pelo choque
do amor há-de voltar aos livros de
rosto transfigurado.

Ergues-te, ó alma singular, perante
o excesso. Dois olhos, duas mãos,
dez engenhosos dedos e
um único Ego, um gomo de laranja,
a mais jovem das irmãs. O prazer
de ouvir não estraga o prazer
de olhar, mas a embriaguez da liberdade corrompe
o sossego dos restantes e suaves sentidos.

Sossego, espesso nada, cheio de doce
sumo como as peras em Setembro.

Os breves instantes de felicidade desaparecem
sob uma avalanche de oxigénio, no Inverno a gralha-calva
solitária golpeia com o bico o branco
gelo da lagoa, noutra momento
um par de pica-paus assustados
com um machado procura para lá
da minha janela um choupo suficientemente doente.

Uma mulher ausente escreve longas
cartas e a saudade intumesce como
ópio; no museu egípcio num papiro
castanho está espalhada essa mesma
saudade, mais velha alguns milhares

lat, niezłomna i niezłamana.
Miłosne listy zawsze trafiają
w końcu do muzeum, ciekawscy są
wytrwalsi niż zakochani. Ego łąpczywie
chwyta powietrze, rozum budzi się
z dziennego snu, pływak wychodzi
z wody. Piękna kobieta pozuje do
szczęścia, mężczyźni udają nieco
odważniejszych niż są naprawdę,
muzeum egipskie nie tai ludzkich
słabości. Istnieć, oby istnieć jeszcze,
być może oddając się w dzierzawę
którejś z zimnych gwiazd. I czasem
drwić z niej, że chłodna jest i śliska
jak żaba w stawie. Wiersz rośnie na
sprzeczności lecz jej nie zarasta.

de anos, inabalável e inabalada.
As cartas de amor acabam sempre
no museu. Os curiosos são mais
tenazes do que os apaixonados. O Ego
sorve o ar com avidez, a razão acorda
do sono diurno, o nadador sai
da água. Uma bela mulher faz o papel
duma mulher feliz, os homens fingem ser
mais corajosos do que realmente são,
o museu egípcio não esconde as fraquezas
humanas. Existir, oxalá se possa ainda existir,
entregando-se talvez ao poder
duma das estrelas frias. E às vezes
troçar dela, por ser fresca e escorregadia
como uma rã num charco. O poema cresce
na contradição mas não consegue recobri-la.

SPIS TREŚCI

Nie pozwól rozpląnąć się skupieniu	18
W cudzym pięknie	20
Oda do wielości	22
Moi mistrzowie	28
Schopenhauer płacze	30
Ogień, ogień	32
W maju	34
Pokolenie	36
Trzy głosy	40
Ja	42
Jechać do Lwowa	44
Bez kształtu	50
Dawniej	54
Ćmy	56
Noc	58
Schyłek lata	62
Rozmowa z Fryderykiem Nietzschem	64
Z życia przedmiotów	68
Sobie do pamiętnika	70
Obecność	72
Lawa	74
R. Mówi	78
Późne święta	80
Płótno	82

ÍNDICE

Adam Zagajewski <i>por Adam Kirsch</i>	5
Não deixes que o lúcido momento se dissolva	19
Na beleza criada pelos outros	21
Ode à multiplicidade	23
Os meus mestres	29
Schopenhauer chora	31
Fogo, fogo	33
Em Maio	35
Geração	37
Três vozes	41
O eu	43
Ir a Lviv	45
Sem forma	51
Antigamente	55
As traças	57
A noite	59
Fim de Verão	63
Conversa com Friedrich Nietzsche	65
Da vida dos objectos	69
A si próprio, para o seu diário	71
Presença	73
Lava	75
R. diz	79
Festividades tardias	81
A tela	83

Przemiana	84
Dziewczynka Vermeera	86
Wiolonczela	88
Trzej aniołowie	90
Mistyka dla początkujących	96
Barbarzyńcy	98
Senza flash	100
Król	102
Długie popołudnia	106
Europa zasypia	108
Jak kończą kłowni	110
Pożegnanie Zbigniewa Herberta	112
Square d'Orleans	116
<i>Traktat o pustce</i>	120
Sénanque	122
Martwy wróbel	124
Zamek	126
Mów spokojniej	128
Tam, gdzie oddech	132
Autoportret	134
Wczesne godziny	138
Czytając Miłosa	140
Muzyka słuchana z tobą	142
Spróbuj opiewać okaleczony świat	146
Podwodne miasto	148
Dusza	152
Delfiny	154
Kawiarnia	158
Pierwsza komunia	160
Lekcja fortepianu	162

Mudança	85
A garota de Vermeer	87
O violoncelo	89
Os três anjos	91
Mística para principiantes	97
Os bárbaros	99
Senza flash	101
O rei	103
As tardes infundáveis	107
A Europa adormece	109
Como acabam os palhaços	111
Adeus a Zbigniew Herbert	113
Square d'Orléans	117
<i>Tratado do Vazio</i>	121
Sénanque	123
O pardal morto	125
O castelo	127
Fala mais pausadamente	129
Lá onde a respiração	133
Auto-retrato	135
As primeiras horas	139
Ao ler Miłosz	141
A música que ouvi contigo	143
Tenta louvar o mundo estropiado	147
A cidade submersa	149
A alma	153
Golfinhos	155
Café	159
Primeira comunhão	161
A lição de piano	163

Zagubieni	166
Korytarz	168
Ostatni przystanek	170
Autoportret w małym muzeum	172
Odchodzi wielki poeta	174
Metafora	178
Poeci fotografowani	182
Twarze	184
Pisanie wierszy	186

Perdidos	167
O corredor	169
A última paragem	171
Auto-retrato num pequeno museu	173
Um grande poeta que nos deixa	175
Metáfora	179
Poetas fotografados	183
Rostos	185
Escrever poemas	187



sombras de sombras

de Adam Zagajewski
foi impresso na Eigal, Indústria Gráfica,
em papel CoralBook de 90 g, em Outubro de 2017.

NESTA COLECÇÃO

Cinza • Rosa Oliveira

Exemplos • João Vário

Depois da Música • Luís Quintais

Gaveta do Fundo • A. M. Pires Cabral

Última Semana • Hugo Williams

Equatorial • Fabiano Calixto

Jóquei • Matilde Campilho

77 Oníricas • John Berryman

Persianas • Miguel-Manso

Andar a Par • José Ricardo Nunes

Europa • Rui Córias

Ver no Escuro • Cláudia R. Sampaio

A Dor Concreta • António Carlos Cortez

Viveres • Miguel Cardoso

Alguma Coisa Negro • Jacques Roubaud

Tardio • Rosa Oliveira

Poemas Quotidianos • António Reis

Nada Tem Já Encanto • Rui Knopfli

